

THE KNACK... AND HOW TO GET IT

um filme de Richard Lester

com Rita Tushingham, Ray Brooks, Michael Crawford, Donal Donnelly

Cópia digital restaurada | Lições de Sedução | Reino Unido | 1965 | 85' | P&B | M/12

Colin (Michael Crawford) trabalha como professor em Londres, onde observa – mais do que participa – na revolução sexual dos anos sessenta. Com pouca experiência sexual, ele procura ganhar o «knack», um jeito ou habilidade para seduzir mulheres. Essa habilidade Colin encontra-a no seu charmoso e confiante amigo, Tolen (Ray Brooks), que lhe dá conselhos inúteis. Mas quando Colin se apaixona por uma rapariga do campo acabada de chegar à cidade, Nancy (Rita Tushingham), Tolen não tarda a interferir e a entrar no jogo de sedução. Adaptação da farsa homónima da dramaturga natural de Yorkshire, Ann Jellicoe, *The Knack... And How to Get It* é uma paródia – surpreendentemente ousada – sobre a arrogância masculina perante o sexo oposto nesta era de libertação e exploração.

Festival de Cannes 1965 – Palma de Ouro

Festival de Berlim 1965 – Seleção Oficial Em Competição

Prêmios BAFTA 1966 – Seis Nomeações



*There is no tomorrow.
What about this afternoon?*

«Nenhum filme evocou o espírito da chamada 'Swinging Britain' em meados dos anos sessenta com mais júbilo do que *The Knack ... and How to Get It* de Richard Lester. Realizou-o entre os seus dois filmes dos Beatles, *A Hard Day's Night* (1964) e *Help!* (1965) numa surpreendente explosão de criatividade. Venceu a cobiçada Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes de 1965, tornando-se o primeiro filme britânico a fazê-lo desde *The Third Man* de Carol Reed em 1950. Trabalhando pela primeira vez com duas figuras que se viriam a tornar colaboradores fundamentais ao longo da sua carreira, o escritor Charles Wood e o operador de câmara David Watkin, Lester usou a peça de 1961 de Ann Jellicoe como ponto de partida para uma fantasia cinematograficamente deslumbrante sobre questões relacionadas com a libertação sexual e conflitos intergeracionais.

A acção da peça foi mantida, bem como algumas falas e cenas essenciais, mas Lester contextualizou-a num tempo e espaço específicos. A interacção entre as quatro jovens personagens desenrola-se sobre o pano de fundo de um contínuo de comentários de descontentamento por parte de uma geração de londrinos mais velhos, observados de modo peculiar através de



filmagens de câmaras ocultas, cuja atitude de reprovação para com a excentricidade dos jovens se assemelha demasiado a inveja perante uma vitalidade perdida.

(...) *The Knack* é a história de quatro pessoas que falam entre si sem que realmente haja comunicação. O contraste entre eles é muito bem transmitido visual e verbalmente. Colin é uma personagem pusilânime num quarto cinza, o 'John Major de sua época', de acordo com Lester. Tolen, por sua vez, é um libertino vestido de negro num quarto escuro. A tendência de Tom para pintar as paredes de branco cria um vazio espacial e espiritual para si próprio.

(...) Um dos prazeres duradouros do filme é a calma com que os quatro actores principais negociam os ritmos intrincados e idiossincráticos dos diálogos do [argumentista Charles] Wood, cronometrando as suas falas com a mesma precisão com que um quarteto de cordas experiente partilha o palco. O próprio Lester é captado pela câmara entre o coro grego de espectadores confusos quando uma voz declara: 'Bem, eu próprio sou de Hampton Wick, estou habituado a insinuações'.

A aparente espontaneidade do filme esconde uma estrutura rígida, através do qual um motivo recorrente nos guia, informando uma série de cenas e piadas visuais únicas (...) Na peça [de Ann Jellicoe], Tolen é retratado como um símbolo do profascismo, mas Lester apresenta-o de forma mais satírica, identificando-o, como observou o crítico Philip French, "com os sinais e símbolos de uma sociedade de consumo": a voz suave do publicitário a derramar com a promessa de satisfação final; os selos do Green Shield oferecidos como presente aos afortunados a quem calhou a sorte de o conhecer. Aos olhos de Lester, ele vai a caminho do precipício.

(...) *The Knack* parecia abraçar e celebrar uma nova abordagem sobre a sexualidade que contrastava com a repressão e pudor da geração anterior. Ao mesmo tempo, não promovia a promiscuidade nem omitia os elementos mais sombrios da peça. 'Os filmes de comédia são extremamente sérios para mim', explicava Lester numa entrevista à *Movie*. Por detrás da ebulição cômica do filme, há pois ecos de *The Servant* (1963) de Joseph Losey, na forma como retrata as relações de poder e as lutas pelo controlo territorial e psicológico num espaço

de confinamento. Na sua sugestão de ameaça sexual a uma jovem mulher vulnerável numa cidade desconhecida, antecipa outro filme londrino realizado nesse mesmo ano, *Repulsion*, apesar de a forma como a personagem de Rita Tushingham lida com o perigo ser muito menos extrema do que a da heroína traumatizada e pungente interpretada por Catherine Deneuve no desconcertante thriller psicológico de Roman Polanski.

(...) [A explosão de Nancy] põe um travão na conduta de Tolen e leva a melhor sobre um machista arrogante que acreditava que todas as mulheres deviam ser dominadas. 'Pareceu-nos importante', disse Lester a Steven Soderbergh, 'que no fim Tolen fosse reduzido a uma figura de total fracasso e fraqueza'. Para este propósito, e usando Colin primeiro como isca e depois como cúmplice, Nancy assume o comando da palavra 'violação' e usa-a como uma arma para depreciar a autoconfiança sexual de Tolen, com a mesma assertividade com que literalmente lhe perfura os pneus do símbolo de sua virilidade: a sua moto. Esta não é, de resto, a única ocasião em que ela se apropria da linguagem do discurso sexual masculino e a usa contra o seu opressor. (...) Há algo de libertador e desafiante na capacidade de Nancy de roubar a iniciativa quando é ameaçada pela opressão masculina.



The Knack é por vezes visto como um filme de época, ou descrito, nas palavras da revista *Time Out*, como uma obra 'de modo geral datada'. Se esta afirmação é verdade, ou se sequer importa, é algo que o espectador deve concluir individualmente. Na altura em que o filme foi feito, Lester insistia que não fazia filmes para a posterioridade mas para captar um momento particular. Trata-se de um sentimento que se assemelha ao slogan exposto na parede em frente ao quarto de Tolen: 'Não existe amanhã. Que tal hoje à tarde?'. E, no entanto, os seus filmes são tão cheios de invenção visual e de detalhes peculiares que resistem à assimilação fácil. Eles reflectem o espírito dos tempos com tal intensidade que as limitações temporais são transcendidas e os filmes tornam-se um documento incontornável de uma era. Para alguém que não viveu os anos sessenta, *The Knack* apresenta uma amostra daquilo que foi esse período, menos em termos do seu enredo do que do seu ambiente anárquico e espírito optimista. Para alguém da minha geração, o filme continua a lembrar-nos um passado em que a juventude estava em ascensão e a mudança social prefigurava no horizonte.»

The Knack... and How to Get it, by Neil Sinyard
in *Woodfall – A Revolution in British Cinema* (Ed. BFI)